

É o mormaço. Não há mais sol, nem chuva, nunca mais; não há sequer nuvens; há êsse nublado geral, fosco e torpe. Nos melhores dias de sol, algumas semanas atrás, o céu não conseguiu ficar azul: uma bruma seca o esfumava; depois ela se adensa e o sol se avermelha; depois ainda empalidece, depois some. E o minguante vermelho anuncia mais seca para amanhã. Agora, no momento em que escrevo, chove, mas sem convicção; é uma chuva que não molha, nem sequer refresca, apenas aborrece.

Que fizeram nesse país? De onde vem êsse mormaço — do bocejo de tédio dos poderosos ou da parda indiferença do povo? Ergue-se o vento do sudoeste, mas não traz água; traz gotas. As mulheres, ainda as mais belas, perdem um pouco seu encanto; falta-lhes o beijo do sol, e o carinho do ar das manhãs molhadas. As coisas perdem o volume, nessa luz difusa; e suas côres perdem a vida.

O Presidente da República manda chamar o Prefeito e o intima a chover. A Light apela para a população: chovam todos, por favor. Ninguém chove; ninguém faz sol. Meu coração ficou neutro; já não amo ninguém. É impossível amar com mormaço. A repreza ameaça secar completamente, mas nem isso faz. Nem ao menos temos a esperança de grandes

noites completamente escuras, de miados e uivos nas trevas. Negam-nos o drama.

A fila da manteiga me irrita; é enorme e entretanto dispensável. O mar está parado, morno; êle e o céu têm a côr chata do zinco. O calor é intolerável, mas apenas por um dia ou dois; a pressão ameaça fazer saltar os nervos e obrigar os ratos a emergirem enraivecidos dos buciros, mas logo cede. Faz mormaço também dentro dos termômetros e dos barômetros.

Faz mormaço na alma. Faz mormaço na Câmara. Os ventos estão desmoralizados, e já sopram sem fé. Então a calma enerva. É desagradável ficar em casa, e não vale a pena sair. É necessário fazer crônicas, mas seria ridículo tentar dizer alguma coisa de concreto.

Não dispomos sequer do tédio esplendido de Beaudelaire: "je suis comme le roi d'un pays pluvieux..." Somos todos amanuenses de um país de mormaço; não atingimos o tédio, ficamos na chateação difusa. A minha vizinha pensa em raspar os cabelos das pernas, mas deixa para amanhã. Vamos todos deixar a vida para amanhã e, por favor, não morra ninguém: é horrível a gente ir aos entêrros bocejando.

R. B.

GENTE DA CIDADE



Anibal Machado
(escritor)

Nasceu em Sabará em 1895 e teve uma infância feliz galopando a cavalo, nadando no Rio das Velhas, pegando dourados na corredeira. O pai viera de Santa Catarina, a mãe era Monteiro de Barros, filha do Barão de Congonhas, e por esse lado êle se aparenta com o poeta Murilo Mendes e com o deputado José Monteiro de Castro. Entre seus numerosos irmãos: o embaixador Cristiano Machado e a escritora Lúcia Machado de Almeida.

O menino solto e feliz de alto de môrro e beira de rio deu, no ginásio de Belo Horizonte, um rapazola rebelde e melancólico, às vezes fujão. Formou-se em Direito, ficou noivo da filha de um engenheiro da Central que tinha sido prefeito de Belo Horizonte e para se casar aceitou a promotoria de Airuóca, sul de Minas, onde passou um ano feliz, em lua de mel, lendo Shelley e Keats nas montanhas. Voltando para Belo Horizonte foi, ainda muito jovem, professor de História Geral do Ginásio Mineiro, contando entre seus alunos o bom Luís Camilo, que morreu há pouco, e o jornalista Dario de Almeida Magalhães.

Veio para o Rio como promotor adjunto, empreendeu uma série de cinco filhas, perdeu a mulher, casou-se com a irmã mais moça dela e disso resultou a sexta filha. Hoje quatro estão casadas, uma solteira e uma noiva. Tem 9 para 10 netos e costuma assistir o parto de suas filhas. Seu único filho homem nunca veio à luz, é o famoso herói de romances "João Ternura, lírico e vulgar".

No tempo de Washington Luís foi oficial de gabinete do ministro da Justiça Viana do Castelo, mas deixou o lugar para não deixar mal o amigo, pois seu irmão Cristiano comandava a revolução em Minas. Foi catedrático interino de Literatura do Pedro II, tinha prazer em preparar e dar aulas, sua grande dificuldade era falar devagar. Quando o efetivo voltou, Anibal, com sua filharada, ficou no desvio, tinha de viver com uma pequena mesada paterna, para fugir dos credores ia para a praia, quando via um passeando pela calçada caía n'água. Durante 30 anos esteve constantemente doente, inclusive de colite; esses longos achaques obrigaram esse homem vivo, inquieto, amante de aventuras, a uma vida regrada e contida e não é difícil compreender porque dos escritores brasileiros foi um dos mais fascinados pelas orgias do surrealismo — "que ao menos o espírito se esbalde", deve ter pensado ele.

A longa mortificação da doença marcou o espírito humaníssimo desse homem extremamente cordial e delicado, entretanto insubornável e inconformável, capaz de assinar como avalista uma promissória para o mais pobre e boêmio

A POESIA É NECESSÁRIA

DIALÓGO

(De "Cangaceiros", de José Lins do Rêgo)

"Lembrava-se bem daquela conversa de uma velha com a sua mãe numa estrada. Tinha parado, até que o sol quebrasse por debaixo de um umbuzeiro. Foi quando apareceu uma velha de cacete na mão e logo que os avistou saiu-se com pergunta:

— Mulher, tu não vem vindo da Pedra Bonita?

E como a mãe lhe disesse que sim, ela os olhou com olhos de fúria para dizer:

— Resto de gente que não tiveste coragem de morrer com o Santo. Eu te esconjuro.

Sinhá Josefina não se alterou e com voz branda respondeu:

— Minha senhora, aqui estamos porque Deus deixou. E andando vou por este mundo pela vontade do Alto.

E como não tivesse dado valor à raiva da velha, esta abrandou-se e entrou a falar do Santo e dos seus milagres".

TRADUÇÃO DE UM SONETO DE CUMMINGS

O redator desta página resolveu abrir um concurso entre nossos poetas. Trata-se de traduzir o soneto de E. E. Cummings (americano, nascido em 1894) que vai transcrito abaixo. Quanto ao negócio dos prêmios, êle ainda vai arrumar, mas haverá pelo menos um exemplar de luxo de "A Borboleta Amarela". O vencedor não será obrigado a ler, mas poderá ver os belos desenhos de Portinari e Carybé. Além disso assinatura de MANCHETE e uma garrafa de uísque (não americano). As traduções serão recebidas na redação de MANCHETE até 30 de novembro, e a comissão julgadora só será conhecida no fim. Não é preciso pseudônimo. Agora quem souber inglês leia o belo poema, que não tem título; e quem não souber espere a tradução.

it may not always be so; and i say
that if your lips, which i have loved, should touch
another's, and your dear strong fingers clutch
his heart, as mine in time not far away;
if on another's face your sweet hair lay
in such a silence as i know, or such
great writhing words as, utterinh-overmuch,
stand helplessly before the spirit at bay;
if this should be, i say if this should be —
you of my heart, send me a little word;
that i may go unto him, and take his hands,
saying, Accept all happiness from me.
Then shall i turn my face, and hear one bird
sing terribly afar in the lost lands.

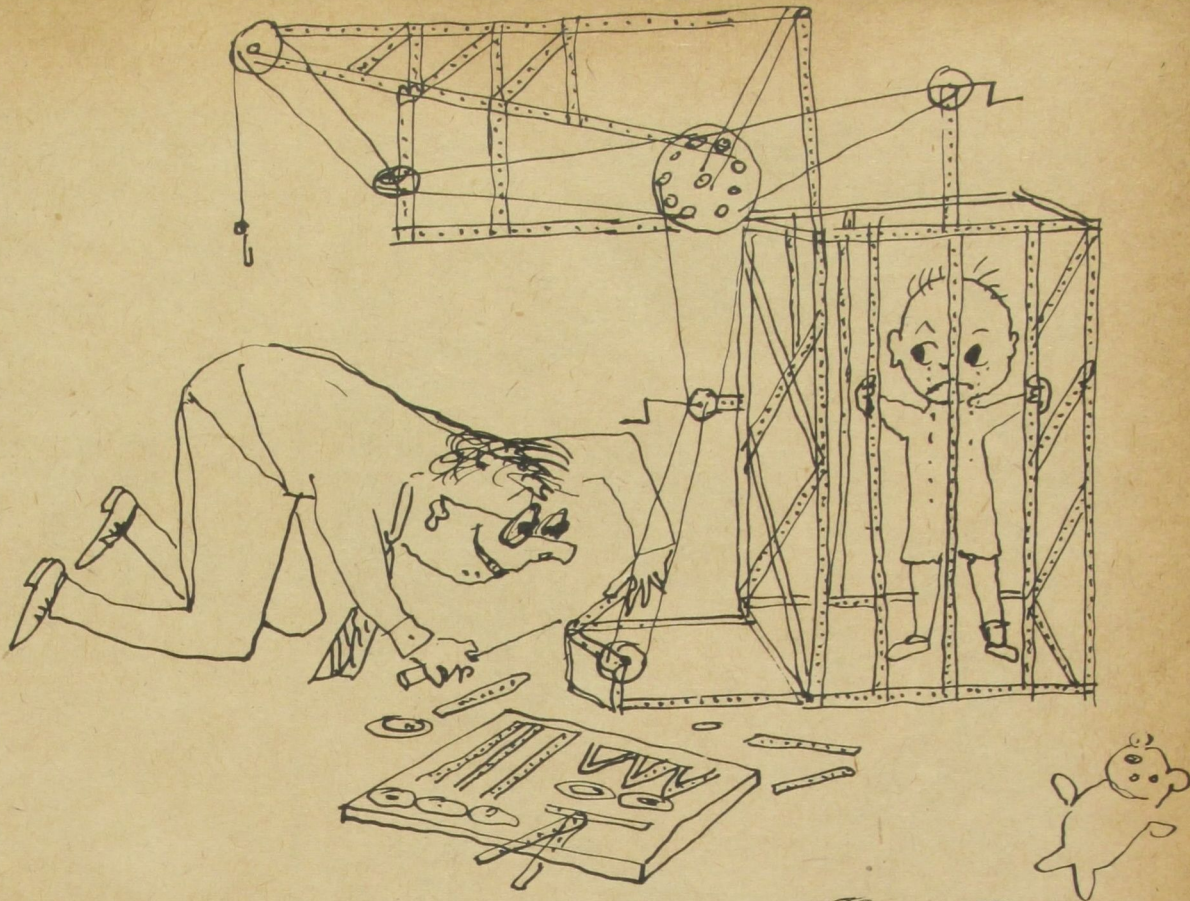
dos amigos, incapaz de assinar uma frase que viola a liberdade de seu pensamento. Passou a ter melhor saúde depois que conseguiu localizar seu inimigo número um, sua alergia insuportável: o trigo. Vinga-se comendo biscoitos de polvilho. Desde 1933 é tabelião (distribuidor) no Fôro do Rio e pelos domingos de sua casa hospitaleira da Visconde de Pirajá já passaram milhares de pessoas, "brotos" do interior e grandes celebridades mundiais. "O tempo realmente chato — diz ele — foi quando meu irmão era candidato à Presidência da República: os bons, velhos amigos se retrairam e minha casa se enchia de cavadores e lambe-sacos". (Este redator estava em Paris e recebeu de Anibal, 15 dias antes da eleição, uma carta tão aborrecida e melancólica como se o seu irmão fôsse candidato às galés).

Escreveu "ABC das Catástrofes" com base em alguma experiência: uma vez o téco-téco em que viajava fez uma descida forçada no interior de Mato Grosso e Anibal, montado em uma velha egua, fez uma viagem de quatro horas na escuridão, sôzinho, para atingir o primeiro lugar. Em 1945 foi uma das 60 pessoas (Viniçius de Moraes, Moacir Werneck de Castro, etc.) que estavam a bordo do "Lionel de Marnier" quando uma hélice se despreendeu em pleno vôo e atingiu a cabine, matando o jornalista Pedro Luís Teixeira e cortando as pernas de um cinegrafista francês. O avião conseguiu descer em uma lagôa uruguaia, depois de minutos de aflição. Anibal revelou-se de uma calma e de uma eficiência impressionantes, cuidando dos feridos e indovoltariamente em um pequenino avião de socôrro — o piloto, o cinegrafista de pernas amputadas e ele a cuidá-lo: uma hora de viagem terrível, segurando o homem para que com seus movimentos de dôr ele não provocasse hemorragia maior. O cheiro do sangue o tonteava enquanto ele assistia à agonia daquele desconhecido — "uma solidão terrível, de vez em quando eu erguia a cabeça para espiar lá em baixo o campo, os bois, me esforçava para pensar apenas em bois, para não fraquejar". O rapaz morreu ao chegar ao hospital, e Anibal Machado é cavalheiro da Legião de Honra por ato de bravura.

Publicou "Vila Feliz" e "Topografia da Insonia", um estudo sôbre cinema, outro sôbre Walt Whitman, um ensaio sôbre Ouro Preto outro sôbre o Rio das Velhas, misturando a análise ao lirismo. Acha que a coisa mais importante que fez é um livro de poemas em prosa, "Caderno de João", a sair, e pensa reunir em um volume escritos diversos sob o título "Parque de Diversões". Cenarizou para a Vera Cruz um conto "O telegrama de Artaxerxes" que começará a ser rodado em novembro, e também contratou outro argumento baseado em seu conto "A morte do porta-estandarte". Para a Multifilmes está adaptando sua história "O piano" e para Alberto Cavalcanti já escreveu um documentário sôbre o valor do silêncio.

Em 1947 passou 10 meses na Europa, em poesia gosta sobretudo de Lautreamont, Baudelaire, Rimbaud, Saint John Perse, Eluard, Michaux e Lorca, tem uma casa em Vassouras onde se refugia às vêzes, não passa um ano sem ir a Minas, acha que com a bomba de hidrogênio a guerra ficará tão horrível que poderá ser evitada, e para caracterizar sua cortezia e sua honestidade intelectual contam a história autêntica de um rapaz de ar muito suficiente que em sua casa fazia grandes afirmações, e Anibal, com sua voz rápida, o sorriso compreensivo — "perfeitamente, perfeitamente, eu compreendo muito bem seu ponto de vista, perfeitamente, você não tem razão não, não tem razão não..."

R. B.



3 DESENHOS SEM LEGENDAS

